



Soares, L. C. E. C. (Org.). (2024). *Inteligência artificial e psicologia*. CRV.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E PSICOLOGIA
ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND PSYCHOLOGY
INTELIGENCIA ARTIFICIAL Y PSICOLOGÍA

Eveli Freire de Vasconcelos¹

Guilherme Queiroz Verati²

Rodrigo Mendes Viédes³

Diante do avanço exponencial da Inteligência Artificial (IA) e da necessidade de uma reflexão mais aprofundada sobre seus impactos na sociedade, a obra "Inteligência Artificial e Psicologia" surge como uma importante contribuição para a área. Organizado por Laura Cristina Eiras Coelho Soares em parceria com a editora CRV, o livro reúne diversos profissionais da Psicologia para discutir a IA em diferentes contextos, como o Organizacional, Jurídico, Avaliação Psicológica e Clínico.

¹ Universidade Católica Dom Bosco, UCDB, Campo Grande –MS, Brasil. E-mail: rf6967@ucdb.br
ORCID <https://orcid.org/0000-0001-5140-760X>

² Universidade Católica Dom Bosco, UCDB, Campo Grande –MS, Brasil. E-mail: ra183862@ucdb.br
ORCID <https://orcid.org/0009-0006-9127-1093>

³ Universidade Católica Dom Bosco, UCDB, Campo Grande –MS, Brasil. E-mail: tpsi.rodrigomendes@gmail.com ORCID <https://orcid.org/0009-0006-0153-9472>

Abrindo o livro, o capítulo "A smartificação da vida e seus efeitos", de Leomir Cardoso Hilário, inicia uma discussão sobre a natureza não neutra da tecnologia, argumentando que ela incorpora valores políticos e sociais do contexto em que é inserida e desenvolvida. O autor explora como a IA reflete e amplifica preconceitos e desigualdades sociais, ilustrando com o exemplo do racismo.

Além disso, o capítulo aborda a relação entre tecnologia, neoliberalismo e políticas de poder e como isto afeta a subjetividade humana e as dinâmicas sociais. O autor traz como exemplo a falta de separação entre trabalho e lazer a partir da hiperconectividade. E também, instaura a discussão sobre a falsa ideia de "solucionismo" por parte da tecnologia na qual, em vez de eliminar dificuldades, muitas soluções proporcionadas pela IA acabam gerando novos desafios ou intensificando problemas já vigentes. Assim, demais temáticas como a utilização da IA como manipulação política para o favorecimento da extrema-direita e o comprometimento da capacidade crítica e intelectual do indivíduo, levam à conclusão da necessidade de um olhar crítico sobre os impactos sociais e psicológicos da tecnologia.

Por que é tão difícil não responder uma mensagem? Por que é tão incômodo receber uma ligação? Por que causa desconforto recusá-la? Tudo isso significa que a mera presença do objeto chamado smartphone traz consigo um complexo de obrigações, sentimentos e sofrimentos, independentemente do uso que se faça dele, no atual estágio de desenvolvimento da produção desse específico aparato tecnológico. [...] A tecnologia não está diante de nós enquanto uma realidade fora de nós. Pelo contrário, a produção de aparatos tecnológicos envolve política, poder e subjetividade (Soares, 2024, p.18).

Já no capítulo "*O problema dos três usuários*", o escritor *Luis Henrique Gonçalves* mergulha na profunda interação entre a Inteligência Artificial (IA) e a sociedade, explorando como seus indivíduos, estruturas econômicas e sociais são impactadas por essa tecnologia. Reconhecendo a IA como um fenômeno multifacetado, que abrange aspectos psicológicos, econômicos e comportamentais, o autor apresenta três tipos de usuários que coexistem nesse cenário: o prosumidor, que, ao consumir a tecnologia, inadvertidamente fornece dados sobre seu comportamento; o operador, responsável por desenvolver e gerenciar os sistemas de IA; e o apropriador, que, ao deter e lucrar com o sistema, molda suas diretrizes e finalidades. A partir dessa tipologia, o autor examina os benefícios que o modelo

propicia ao usuário-apropriador, incluindo a influência econômica e política, o controle e a regulação de mercado e a potencialização da desigualdade de poder.

Além disso, o capítulo também aponta a automatização das decisões e a redução da complexidade humana, restringindo o comportamento humano a padrões previsíveis. Dessa forma, caso não haja um olhar crítico sobre suas interações com IA, este meio tem o potencial de levar certas atividades a fins reducionistas, desconsiderando sua necessidade de um olhar humanizado, como por exemplo o processo de recrutamento de trabalhadores e a busca de conteúdos para a formulação de políticas públicas. Ademais, o autor retoma os riscos da desigualdade no acesso e controle da IA, levantando preocupações sobre privacidade, autonomia e concentração de poder. Por fim, o capítulo conclui com a discussão sobre possíveis caminhos para a IA e a possibilidade de construir um modelo que seja ético, socialmente responsável e que fuja da desigualdade e abuso de poder.

No capítulo intitulado "Inteligência Artificial (IA), gestão algorítmica do trabalho e suas repercussões para os trabalhadores", Rafael Soares Mariano Costa, Carlos Eduardo Carrusca Vieira e João César De Freitas Fonseca, sob a ótica do Materialismo Histórico-Dialético, exploram o impacto da IA no mundo do trabalho. Os autores contrapõem a promessa inicial de melhoria na qualidade de vida e no trabalho com a realidade de sua instrumentalização pelo capitalismo, levantando questionamentos sobre os efeitos concretos da IA nesse contexto.

Além disso, também se fazem presentes neste capítulo embasamentos que apontam a falta de neutralidade algorítmica da IA, seus impactos psicossociais no trabalho e as novas formas de controle sobre os trabalhadores a partir da gestão de Inteligência Artificial. Em seguida, surge a discussão sobre a necessidade de regulamentação das novas formas de trabalho coordenadas por algoritmos. Por fim, o texto se encerra a partir da discussão de perspectivas futuras para o mundo do trabalho, tendo em vista os riscos crescentes da automatização e da perda de autonomia dos trabalhadores, concluindo com a articulação sobre a necessidade de uma abordagem crítica para que a tecnologia seja inserida no ambiente laboral de maneira ética, sem reforçar desigualdades existentes.

Olhar para a inserção das inteligências artificiais no mundo do trabalho é mergulhar em cenários complexos, com inúmeros atravessamentos, afinal as formas de organização do trabalho e



gestão variam de maneira intensa nos diversos setores produtivos e influenciadas por questões sócio-geográficas (Soares, 2024, p.74).

No capítulo "Revolução algorítmica: a Transformação do Trabalho e da Psicologia Organizacional e do Trabalho a partir da Inteligência Artificial", Adriano de Lemos Alves Peixoto examina o impacto da IA no mundo do trabalho. O autor destaca a capacidade da gestão algorítmica de substituir a mão de obra humana em tarefas complexas, antes consideradas exclusivas do intelecto humano. Além disso, Peixoto explora outras questões relevantes da quarta revolução industrial, como o uso da IA como ferramenta de controle do trabalho, a opacidade de seu funcionamento e a eliminação de postos de trabalho. O capítulo conclui com uma reflexão sobre a necessidade da Psicologia Organizacional e do Trabalho se adaptar a esse novo cenário, atuando como mediadora entre a tecnologia e os indivíduos, com foco na garantia da autonomia e do bem-estar dos trabalhadores.

No capítulo intitulado "O futuro da psicologia jurídica na era da inteligência artificial no sistema de justiça", Laura Cristina Eiras Coelho Soares e Klelia Canabrava Aleixo exploram os níveis de implementação da IA no âmbito jurídico. As autoras analisam os limites éticos da inteligência artificial como ferramenta de decisões judiciais, contrapondo sua eficiência com os riscos de comprometer princípios fundamentais para a resolução de processos. Em sua conclusão, Soares e Aleixo defendem a necessidade de uma regulamentação da IA no sistema judiciário, embasada na Psicologia Jurídica Social, a fim de garantir a ética e a transparência nesse contexto.

No capítulo intitulado "Paralelos de modelos de transformers e modelos psicométricos", Vithor Rosa Franco e Ricardo Primi estabelecem uma comparação entre os modelos psicométricos tradicionais e a Inteligência Artificial (IA), destacando a capacidade desta última no processamento e análise de dados. Os autores levantam questões cruciais relacionadas à utilização da IA em processos de Avaliação Psicológica, como a praticidade, aplicabilidade, ética profissional e o potencial reducionista. Em suma, Franco e Primi enfatizam a necessidade de uma análise crítica que transcenda a mera eficiência do modelo de IA, ponderando também seus impactos na prática profissional e na subjetividade humana.

No capítulo "Psicanálise e inteligência artificial", Fábio Belo descreve a introdução da IA na psicanálise como um evento que desloca o humano do centro do universo, causando o que ele

denomina "golpes narcísicos". O autor explora os argumentos favoráveis e desfavoráveis à hibridização entre psicanálise e IA, aprofundando a discussão sobre a IA como ferramenta terapêutica. Ele examina os riscos, limites, possibilidades e princípios éticos da IA nesse contexto, sem deixar de lado elementos cruciais como contato, pulsão, inconsciente e transferência. Ao final, Belo reflete sobre a natureza da relação entre humanos e robôs, ponderando que, embora a IA possa ser uma ferramenta poderosa, as vicissitudes das relações pulsionais e a complexidade da psique humana impedem a substituição completa do psicólogo por uma "supermáquina".

O mais provável é que nossa profissão siga se adaptando à elasticidade da técnica também imposta pela força das relações sociais. Nossa hipótese é que, se algum dia houver um bom analista robô, ele deverá obedecer a inúmeras regras algorítmicas (...). Todas essas regras serão fornecidas pelo campo epistêmico psicanalítico, de forma cuidadosa e supervisionada. O jogo já está acontecendo. A questão, insistimos, é estar preparado para os deveres que o hibridismo com a IA irá produzir. (Soares, 2024, p.167).

No último capítulo do livro, intitulado "Interlocutores digitais chatbots e o futuro da psicoterapia sob a perspectiva da fenomenologia", Paulo Annunziata Lopes, Ari Rehfeld e Gabriel Saponara Viana Rassi exploram a evolução da tecnologia de mera ferramenta para interlocutora capaz de interagir e aprender com o usuário. Os autores traçam um panorama histórico dos chatbots e suas aplicações na psicoterapia, contextualizando a fenomenologia e sua relevância para a discussão. A partir dessa base, Lopes, Rehfeld e Rassi argumentam que a inserção de chatbots em relações terapêuticas é limitada, uma vez que esses interlocutores digitais são incapazes de realizar uma redução fenomenológica completa, estabelecer contato genuíno, interpretar expressões corporais e oferecer ajustes singulares a cada indivíduo.

O homem, como concebido pela Fenomenologia Heideggeriana, tem a necessidade de encontrar sentido na vida. Entretanto, no campo da psicoterapia, um chatbot não será capaz de ocupar este lugar: o de um psicoterapeuta humano que vive sob as mesmas condições ontológicas que seu paciente e que entende que, por vezes, os seres humanos fazem escolhas não pela lógica ou pela eficiência, mas porque elas fazem sentido (Soares, 2024, p.183).



Concluindo, em *Inteligência Artificial e Psicologia*, a IA é apresentada como um vetor de poder e desigualdade, e não como uma ferramenta neutra. A obra evidencia como a tecnologia reflete e amplia preconceitos, serve a lógicas de mercado e intensifica relações de dominação. Ao discutir o problema dos três usuários e o mito do solucionismo tecnológico, os autores mostram que, em vez de resolver dificuldades, a IA frequentemente cria novos desafios e amplia desigualdades sociais e psicológicas.

Outro ponto central é o impacto da IA sobre a autonomia e a complexidade humana. Automatizar decisões e reduzir subjetividades a padrões previsíveis se revela problemático em contextos que exigem sensibilidade e olhar humanizado, como o trabalho, o recrutamento e as políticas públicas. A análise também expõe como a gestão algorítmica e a hiperconectividade reforçam mecanismos de controle, fragilizando fronteiras entre trabalho e lazer e produzindo novos sofrimentos.

Por fim, a crítica mais incisiva recai sobre os limites éticos e profissionais da IA. No campo jurídico, na avaliação psicológica e nas práticas clínicas, a obra demonstra a insubstituíbilidade do olhar humano, apontando os riscos de reducionismo e desumanização. Assim, o livro conclama a Psicologia a se posicionar de forma crítica e ativa, para que a tecnologia seja usada de modo ético e responsável, preservando a dignidade e a complexidade da experiência humana.

REFERÊNCIAS

Soares, L. C. E. C. (Org.). (2024). *Inteligência artificial e psicologia*. CRV.